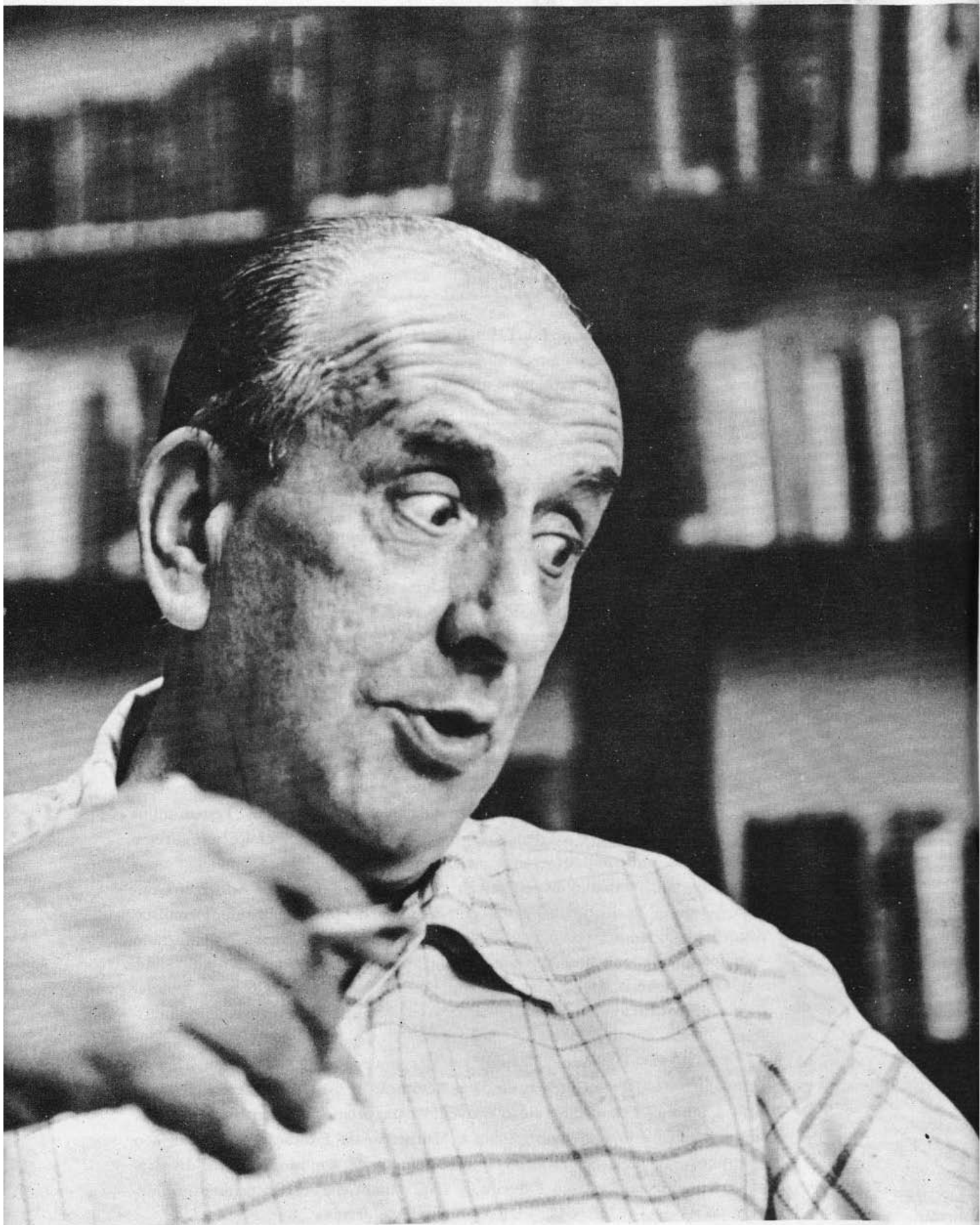






GONZAGA

UM PIONEIRO

Texto de Carlos Fonseca; prospecção de Jurandyr Noronha, Jaime Rodrigues, Carlos Fonseca; filmografia de Michel do Espírito Santo

Na Estrada da Soca n.º 400, em Jacarepaguá, um cineasta ultima os preparativos para um novo filme. Prepara os últimos detalhes da história, do roteiro, da escolha do elenco, do equipamento, dos técnicos. É Adhemar Gonzaga, um pioneiro. Um pioneiro do cinema brasileiro, e uma de suas personalidades mais ativas, mais extraordinárias. Não se pode escrever uma história do cinema brasileiro, sem dedicar um dos capítulos mais importantes a esse homem que com seu idealismo, seu trabalho e sua força de vontade contribuiu de maneira decisiva para o desenvolvimento do cinema brasileiro.

Tudo começou nos princípios deste século, em 1901, mais precisamente, no dia 26 de agosto daquele ano, quando Adhemar de Almeida Gonzaga nasceu num casarão da Rua Hadock Lobo, Rio de Janeiro. Seus pais eram Alice Guimarães de Almeida Gonzaga e João Antônio de Almeida Gonzaga.

Aos seis anos descobriu o cinema e no velho Santana deixava-se fascinar pelas imagens em movimento. Durante toda a sua infância, curioso e já apaixonado, tentou descobrir os mistérios da "mágica" — não entendia bem se o filme era fotografado ou desenhado, e a confusão aumentou quando ganhou de J. Cruz Júnior, proprietário do cinema Santana e do Íris, um fotograma do filme *A Vida de Cristo*, da Pathé francesa. O filme era colorido à mão, o que não elucidou muito o menino Adhemar. Dias depois em casa, tentou reproduzir idêntico universo, fazendo um cineminha de caixa de sapatos, aproveitando como filme as figuras dos heróis de "Tico-Tico", Chiquinho e Zé Macaco, "projitados", intercalados, com legendas escritas por Gonzaga. Este "cineminha de caixa de sapatos" seria substituído mais tarde por uma lanterna mágica e, finalmente, pelo "Cinematographo Nordisk", pomposamente anunciado num jornalzinho de 1909 feito à mão — o "Colombo" — como "da Empresa Adhemar". O jornalzinho era produzido por Gonzaga, e a sua redação ficava em um casarão da antiga Rua Silva Manoel, onde também funcionava o "Cinematographo Nordisk" — ambos da "Empresa Adhemar Gonzaga". Estava traçado o futuro daquele menino: no cinema — realizador e jornalista.

O amor de Gonzaga pelo cinema veio a tomar maior sentido justamente com a publicação do "Colombo", que foi o primeiro jornal (em sua caligrafia infantil) a incentivar o cinema brasileiro. O fascínio aumentava — Adhemar via todos os filmes — na terça-feira de cada semana já estava em dia com toda a programação da cidade. E acompanhava com grande interesse a vida dos artistas, escrevendo-lhes cartas, nas quais falava de seu entusiasmo e de sua extrema adoração de fã. A

primeira resposta que recebeu — de Elsa Frolick — foi motivo de grande júbilo. Já então formava o seu arquivo: guardava recortes de anúncios de cinema e jornais, revistas, fotografias, fotogramas, anotava os lançamentos e fazia suas fichas completas com nomes do diretor, do elenco, dos técnicos, da produtora.

Em 1914, "porque sua mãe não suportava mais a sua excessiva preocupação com o cinema, rasgando inclusive muita coisa que colecionava em detrimento dos estudos, que a família desejava fossem a sua preocupação maior, pois queriam que se formasse em engenharia (Gonzaga chegou até aos preparatórios da Politécnica)", foi internado no Ginásio Pio-Americano, na Rua Teixeira Júnior, em São Cristóvão. Ali, contrariando todos os planos de sua mãe, conheceu Pedro Lima e outros aficionados e teve campo para explorar melhor ainda sua veia jornalística e cinematográfica.

Os anos corriam e com eles o entusiasmo de Gonzaga pelo cinema. Na mesma rua onde morava (Silva Manoel) residia a família Stamato e um dos seus grandes amigos de então foi João Stamato, o cinegrafista de *Dioguinho* (1916). Levado pelo amigo, Gonzaga assistiu as filmagens de alguns filmes como *Ubirajara*, *O Cavaleiro Negro*, *Amor de Perdição*. Nesta época Salvador de Aragão fundou a Amazônia Filmes, para a qual João Stamato trabalhava como fotógrafo. A empresa passou a ser uma espécie de escola prática de cinema e, muitas vezes, Gonzaga serviu como "partner" dos testes de Pandorita França — que mais tarde seria estrela do cinema alemão. Outro detalhe histórico: Aragão foi quem fotografou mais tarde "os dezoito do forte", em 1922.

Finalmente, em 1920, a estreia oficial no cinema: *Convém Martelar*, curta-metragem de 20 minutos, propaganda de um produto farmacêutico, com Antonio Silva, Josefina Barco, Manoel Araújo e Albino Vidal. Gonzaga fez parte do elenco à última hora, no papel de um escrivão de pretoria numa cena de casamento, em substituição a um ator de teatro

que recusou o papel. Neste mesmo ano, mais maduro e mais consciente do que queria, Gonzaga dava formas a seu arquivo cinematográfico, contando então com a valiosa colaboração de Alvaro Rocha.

Os anos vinte foram definitivos para as aspirações do jovem Adhemar. Além de cuidar do seu arquivo, recebeu convites (recusados) para ser o galã dos filmes *Risos e Lágrimas*, de Alberto Traversa e *A Espôsa do Solteiro*, de Carlos Campogalliani. E deu início à sua colaboração sistemática na imprensa carioca. Começou a escrever sobre cinema em "Palcos e Telas" (1920). Dois anos depois fazia também a seção de cinema de "Rio Jornal". Um fato pitoresco na mesma época: Gonzaga e Alvaro Rocha, sob os pseudônimos de "Senhorita Rio" e "Gentleman", respectivamente, escreviam para a revista "Para Todos" corrigindo erros e "mancadas". A redação da revista dirigida por Mario Behring, curiosa com a tal "Senhorita Rio", solicitou sua presença. Lá apareceu Carlos Leal, apresentando-se como irmão da "Senhorita", e recebeu em seu nome um convite para colaborar na revista. Gonzaga não aceitou o convite, mas acabou colunista de "Para Todos" quando foi trabalhar nas oficinas de Pimenta de Mello, que imprimia as revistas da Editora O Malho.

Nessa mesma época — diz Gonzaga entusiasmado — surgiu o primeiro clube de cinema do País — o "Clube do Paredão", pois seus membros reuniam-se junto ao muro de pedra (que hoje não mais existe) da Avenida Beira-Mar. Compunham o clube: Gonzaga, Gilberto Souto, Paulo Vanderley, Pedro Lima, Alvaro Rocha e Carlos Leal. Havia uma rotina quase diária: encontro no cinema Íris, ceia no Café Rio Branco (Rua São José) e discussões (acaloradas) no paredão.

"CINEARTE"

"Para Todos", uma revista pioneira no desenvolvimento do cinema brasileiro, foi uma grande experiência para Gonzaga, pois com correspondentes em vários pontos do Brasil, mantinha um painel vivo dos vários núcleos produtores do cinema



Comemorando o primeiro aniversário da Cinédia (8 de julho de 1931) — da esquerda para direita, a partir da primeira fila acima: Sergio Barreto Filho (titular da seção "Cinema de Amadores", de "Cinearte"), Humberto Mauro (diretor), Decio Murilo, Luiz Soroa, Ernani Augusto, Luiz Roberto, Carlos Eugênio, Celso Montenegro (todos atôres), Octavio Gabus Mendes (diretor), Carmen Violeta (atriz), Gonzaga, Gina Cavalieri (atriz), Gilberto Souto (jornalista) e Milton Marinho (ator).

brasileiro de então. E mercê dessa experiência Adhemar lançou-se, com o apoio de Mario Behring, numa grande aventura que marcou época nos meios editoriais e cinematográficos brasileiros — a revista "Cinearte".

O primeiro número saiu em 3 de março de 1926 — um marco na cultura brasileira. O quarto número dedicado à morte de Rodolfo Valentino esgotou-se nas bancas, firmando a revista junto ao público. "Cinearte" passou também a ser distribuída em alguns países da América do Sul e em Portugal. Foi a primeira revista do mundo a ter correspondente efetivo em Hollywood — o primeiro deles L. S. Marinho, e, depois, Gilberto Souto. Adhemar defendia em suas páginas o interesse pelo cinema brasileiro com um "slogan" que ficou famoso: "Todo filme brasileiro deve ser visto". Desenvolveu uma longa atividade cultural e formativa, dando aos seus leitores as primeiras noções de argumento, roteiro, direção, além de publicar uma seção importantíssima — Cinema de Amadores — dirigida por Sérgio Barreto Filho, que exerceu grande influência na época, desenvolvendo entre os aficionados pelo cinema a preocupação de passar à prática da realização. Enfatizou a crítica cinematográfica, dando-lhe estilo e valor cultural. "Cinearte" circulou até o número 561, de julho de 1942, e a sua longevidade, inédita em termos de publicação cultural, é mais um atestado de seu valor.

HOLLYWOOD

1927 é outro marco na história de Gonzaga. Objetivando um conhecimento direto com os grandes centros produtores de filmes, viajou para Hollywood. Estêve em contacto com os grandes nomes da época, fazendo boas amizades como a atriz Margaret Livingstone, "a mulher da cidade" do inesquecível filme de Murnau, *Aurora/Sunrise*; Ruth Roland, que promoveu um programa de rádio em sua homenagem. Na ocasião Gonzaga levou flôres ao túmulo de Valentino em nome da "Cinearte", que brilhou intensamente numa vitrina nos estúdios da Fox e foi vendida (bem) numa banca de jornais e revistas de Los Angeles, em frente ao Hotel Hollywood.

BARRO HUMANO

Neste mesmo ano Vittorio Verga fundava no Rio o Circuito Nacional de Exibidores, com a intenção de produzir e distribuir filmes nacionais. Com a volta de Gonzaga de Hollywood, Paulo Benedetti, encarregado da produção, convidou-o para dirigir *Mocidade*. Todavia, o C.N.E. desistiu do empreendimento. Porém o grupo constituído por Gonzaga, Paulo Vanderley, Pedro Lima e Alvaro Rocha, com a supervisão de Paulo Benedetti, transformou a história (inspirados no sucesso do filme *Gigolette*, de Vittorio Verga) e produziu *Barro Humano*, primeiro filme dirigido por Adhemar Gonzaga. O dinheiro vinha dos bolsos de cada um da equipe. As filmagens eram feitas aos domingos, com a utilização de cenários (interiores e exteriores) naturais para evitar gastos excessivos. *Barro Humano* foi lançado no Brasil com estrondoso sucesso. Eva Schnoor e Carlos Modesto (que se enamoraram durante as filmagens e se casaram mais tarde) foram os primeiros grandes nomes do nascente "estrelismo" cinematográfico brasileiro — o mesmo sucesso alcançaram Eva Nil, Lelita Rosa e Gracia Morena, do elenco do filme. A crítica aplaudiu o filme com entusiasmo: "*Barro Humano* que o Paramount está exibindo, é um trabalho de que se podem dizer, livremente, todas as qualidades e falhas. É uma fita de cinema tão fita de cinema como as que nos vêm de Hollywood. Por isso, não necessita da benevolência que alguns críticos gostam de dar às obras nacionais. Basta — para patentear-lhe os méritos — que se lhe faça justiça." (Trecho da crítica de J. Canuto/Mendes de Almeida, "Diário da Noite", 17 de julho de 1929). "Fiquei pasmo — toda a gente assistia a produção da Benedetti e ninguém se queixava do menor mal estar... será possível?" (Alfredo Sade, "Correio do Brasil", 24 de junho de 1929). Ou ainda: "A fita brasileira que um dos casarões da Cinelândia teve a boa idéia de incluir no seu programa semanal, atraindo a atenção de um publico de elite, bem merece um registro especial nesta coluna, dada as suas qualidades de técnica e de argumento. Creio mesmo não errar, asseverando que ella representa o trabalho mais perfeito

que se conseguiu até hoje no Brasil. Graças a um grupo destemeroso de rapazes, o cinema em nossa terra começa a ser uma realidade, quando parecia um sonho quasi impraticavel" (João da Avenida, pseudônimo de Olegário Mariano — "Correio da Manhã", 14 de junho de 1929).

Em 1929, levando em sua companhia os astros Eva Schnoor e Carlos Modesto, Gonzaga retornou a Hollywood, onde tencionava rodar seqüências para seu segundo filme, *Mulher*, que seria parcialmente falado. Alugou um palco do estúdio da United Artists por 500 dólares diários. Chegou a filmar (por êle mesmo fotografada) uma cena (verdadeira) do casamento de May McAvoy, cena esta que figuraria no enredo do filme — a história de dois brasileiros que se encontram e se apaixonam durante um casamento em Hollywood. Sendo a primeira fita falada em português, tinha a priori sucesso garantido. Mas a família de Carlos Modesto fez oposição ao projeto tendo em vista os estudos do rapaz e outras complicações que surgiram. *Mulher*, "made in Hollywood", ficou assim apenas no projeto. Mas Gonzaga viria a concretizá-la mais tarde, em outras circunstâncias, no Brasil.

Todavia, a estada de Gonzaga em Hollywood foi-lhe uma vez mais extremamente útil, pois intensificou seus contatos com produtores, atores e técnicos, fez uma série de reportagens para "Cinearte" e participou como ator no papel de um produtor americano no filme *Fome*, dirigido por Olympio Guilherme, vencedor de um famoso concurso instituído pela Fox, naquela época. Olympio, brasileiro, escritor, produziu, escreveu, dirigiu e interpretou *Fome*.

O sucesso de *Barro Humano* surpreendeu Gonzaga ainda em Hollywood, que "não perdeu tempo e arranhou para que o filme fôsse exibido em Los Angeles, e para Charles Chaplin". A cópia pedida ao Brasil, porém, nunca foi enviada e o diretor voltou trazendo consigo uma câmera Eyemo — a primeira do nosso cinema.

De volta dos Estados Unidos, Adhemar Gonzaga iniciou o filme *Saudade*, para Paulo Benedetti, que não foi concluído, bem como *Lábios Sem Beijos*, também inacabado.

Foi então que Gonzaga resolveu dar formas concretas a uma idéia que acalentava há algum tempo. O nome já havia inventado: Cinédia. A princípio como produtora de *Lábios Sem Beijos*, que ele resolveu fazer por conta própria, entregando a direção a Humberto Mauro, mandando buscar em Cataguazes. Foi um sucesso. O mesmo de crítica e de público alcançado por *Barro Humano*.

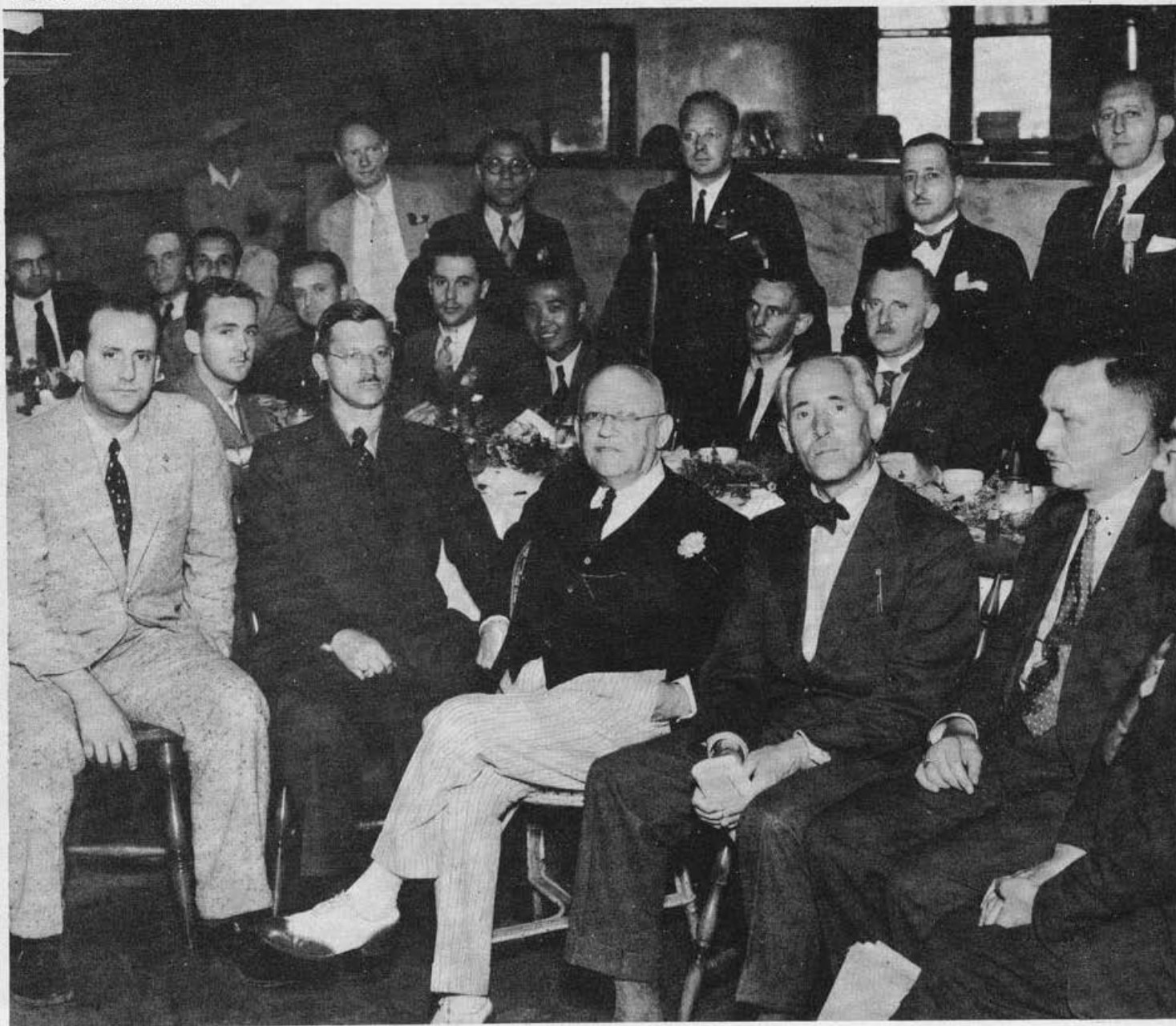
Foi também o incentivo final: a construção dos estúdios da Cinédia era iniciada em 1931, em excelentes terrenos na antiga Rua Abílio (hoje

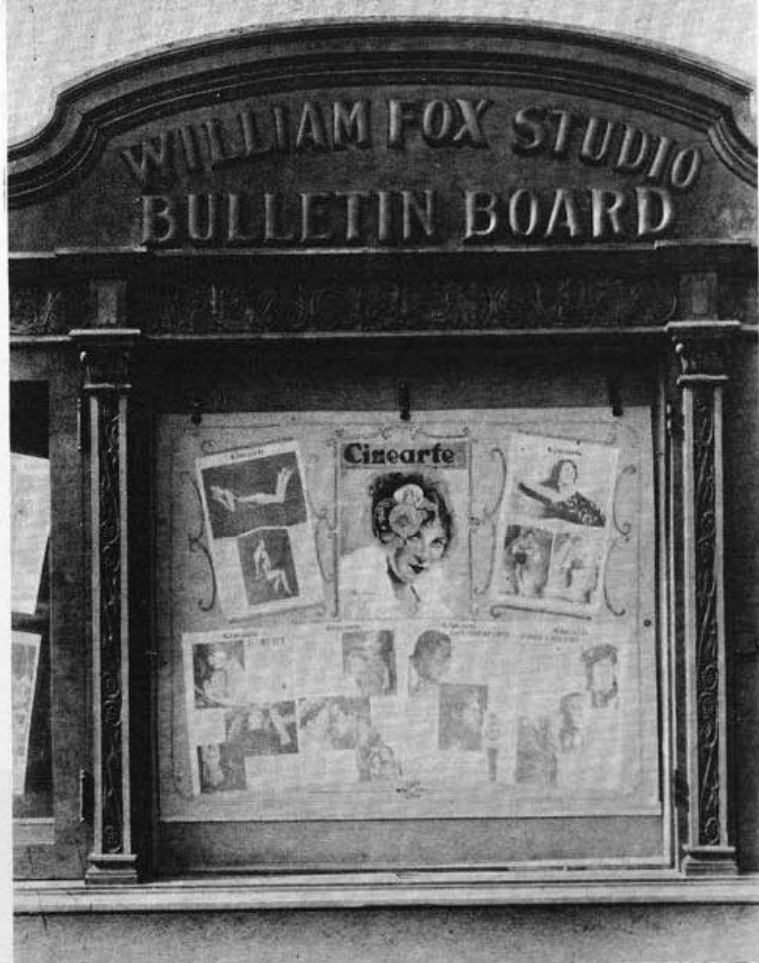
General Almério de Moura), em São Cristóvão. Projeto ambicioso, envolvendo grandes palcos para filmagens, laboratórios, maquinaria moderna (Gonzaga trouxe na ocasião alguns equipamentos cinematográficos pioneiros no Brasil como a primeira câmera Mitchell, uma copiadora Bell & Howell, uma copiadora Matipo, refletores Molly-Richardson, máquina automática de revelação, maquiagem Max Factor, etc.) e um plano de produção imediato e objetivo. Foram contratados técnicos e atores, por longos períodos, à maneira dos gran-

des centros. Na Cinédia foi feita a primeira gravação pelo processo Movietone num filme de ficção.

Em pouco tempo a fama: os estúdios de São Cristóvão, a Cinédia, passou a ser nome conhecido do público brasileiro. O maior conjunto cinematográfico que o Brasil tivera. E uma escola: por ela passaram, se aperfeiçoaram, ensinaram e se fizeram: Ruy Santos (fotógrafo, hoje diretor), George Dusek (fotógrafo), Helio Barroso Neto (som), Carlos Braga (cinegrafista), Humberto Mauro (diretor), Octavio Gabus

Num banquete em Hollywood: na extremidade, à esquerda, Gonzaga; no centro, de calça clara e paletó escuro, Carl Laemmle, fundador dos estúdios da Universal.





"Cinearte" em exposição nos estúdios da Fox em Hollywood.

Mendes (diretor), A. P. Castro (fotógrafo), Manoel Castro (laboratorista), Fernando Stamato (fotógrafo), Jurandyr Noronha (fotógrafo, hoje diretor), Carmen Santos (produtora, atriz, diretora), e muitos outros. Nomes famosos de "marquises" para o cinema brasileiro: Grande Otelo, Oscarito, Carmen Miranda, Rodolfo Mayer, Mesquitinha, Alma Flora, Walter D'Ávila, Nilza Magrassi e muitos outros.

Não abandonando os filmes mais artísticos e os argumentos sérios, dentro do espírito do seu lema de que "Cinema é fazer o público sentir, participar", Gonzaga lançou em sua nova empresa o filme de carnaval, a comédia leve, despretensiosa. Ao lado de um *Ganga Bruta*, no mesmo ano, era produzido *A Voz do Carnaval*. Assim como realizava *Alô*,



Gonzaga e Joan Crawford, em Hollywood.

Num teste para "Frankenstein", Gonzaga ao lado de Boris Karloff.



Alô, Brasil!, Alô, Alô, Carnaval!, sucessos carnavalescos (hoje "clássicos") realizava um *Bonequinha de Sêda*. Pelo menos cinco dezenas de filmes de longa-metragem saíram dos estúdios de São Cristóvão. Além disso, a edição de três jornais cinematográficos por semana — o *Cinédia Jornal*, *Globo Atualidades* (em colaboração com o jornal O Globo) e *Cinédia Revista*, os três, "repositórios formidáveis para o investigador, pois nêles está muito da própria existência do País em muitos anos".

Foi o primeiro estúdio brasileiro organizado em bases industriais, mantendo publicidade contínua, artistas próprios, distribuição também própria.

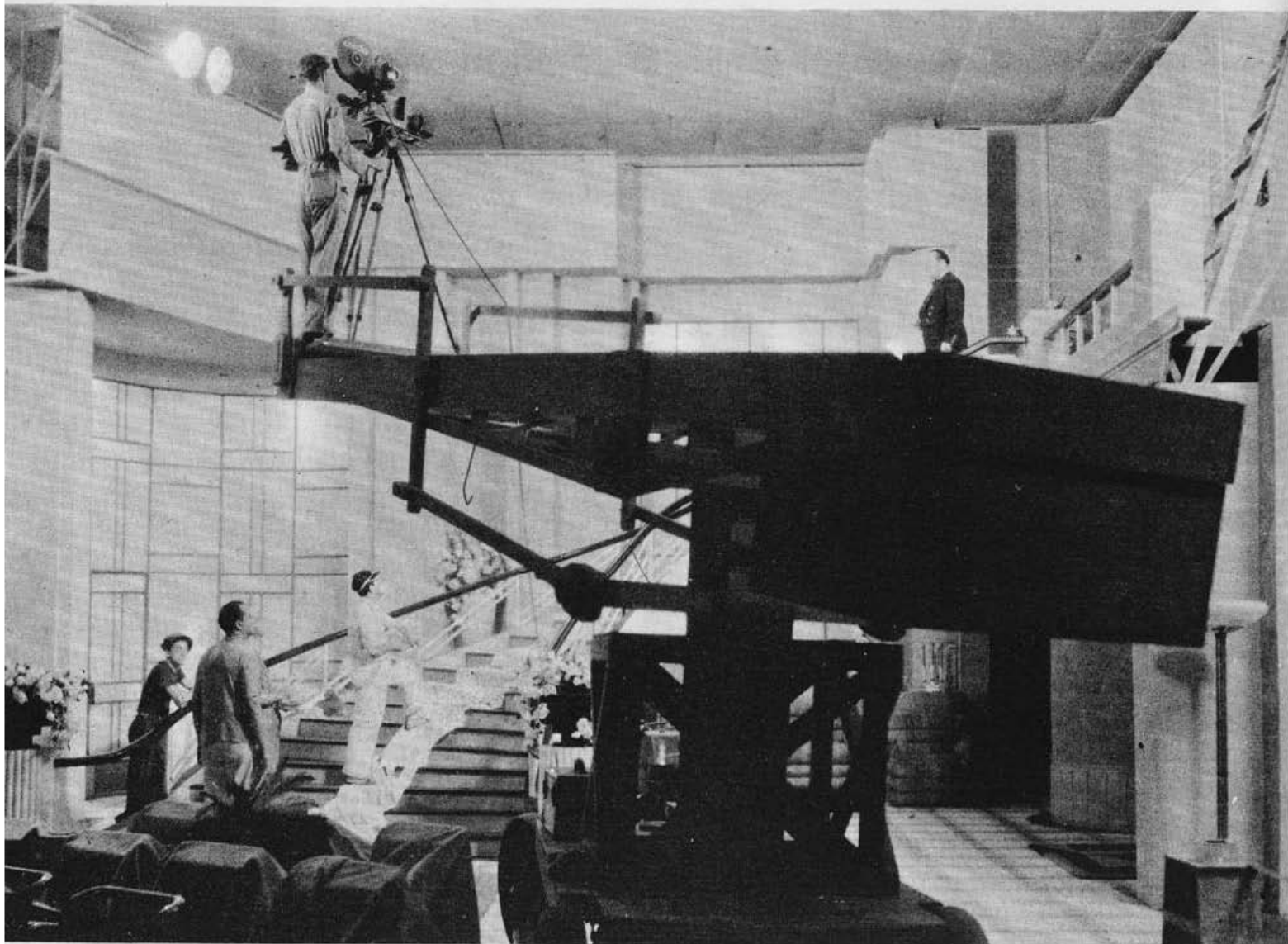
Em 1951, porém, uma grande crise obrigou Gonzaga a vender parte dos terrenos de São Cristóvão e com eles os estúdios da Cinédia.

Mas o môço Gonzaga, Gonzaga, o pioneiro, não esmoreceu. Enfrentou a crise fazendo cinema de diversas maneiras. Passou um bom período em São Paulo, produzindo e dirigindo (*Carnaval em Lá Maior*, para a Maristela). Enquanto isto planejava: fazia cálculos, retomava planos antigos, sonhava com a volta da Cinédia, a criação de uma Nova Cinédia! Para então sim fazer os seus filmes, tornar reais os seus planos. Ao lado disto organizava seus arquivos. Em Jacarepaguá, na Estrada da Soca, 400, comprava arquivos de aço, pastas de couro, fichas e arrumava seu arquivo. E dedicava, ao lado do cinema internacional, um carinho todo especial ao cinema brasileiro. Possuía o melhor, o maior e o mais organizado arquivo do cinema brasileiro. E escrevia. Uma grande série de críticas e crônicas e os livros "A História do Cinema Brasileiro" (em

preparo), "Setenta Anos de Cinema Brasileiro". Colaborou com a Cinemateca Brasileira (de São Paulo); auxiliou muitos dos nossos historiadores e tôdas as publicações especializadas do País. É grande colaborador e "fornecedor" de FILME CULTURA.

Ao lado de tôda esta atividade môça, heróica, otimista, admirável, ressurgiu a Cinédia. Também em Jacarepaguá, na Estrada da Soca, 400, onde funcionam dois grandes palcos para filmagem, casa de fôrça, rouparia (de diversas épocas), camarins para os artistas, almoxarifados, etc. Onde se filmam produções nacionais e estrangeiras. E onde Adhemar Gonzaga prepara sua agenda de membro do Conselho Consultivo do INC, faz planos, contas, e retoca os detalhes do argumento do seu próximo filme.

Palco de filmagem nos estúdios da antiga Cinédia.



DEPOIMENTOS SÔBRE GONZAGA

HUMBERTO MAURO

Um dos maiores lutadores para a obtenção deste plano (NR: em prol do cinema brasileiro...), sem dúvida, é Adhemar Gonzaga. Aliando um grande ideal ao seu profundo conhecimento de cinema, está ele agora entrando firme pela produção, tendo para isso fundado a Cinédia. É preciso que se note, caro redator, que a intuição cinematográfica, eu a tenho desde que me conheço por gente e desde que paixão nutro pelas objetivas e pelas "câmeras". Mas a minha ilustração nos menores segredos da técnica de um filme, na sua parte intelectual, eu a colhi, apenas, com Adhemar Gonzaga. Duravam, às vezes, até altas horas da madrugada as nossas conversas sobre esse assunto. E muita coisa que se conversou, então, como coisas "para o futuro", hoje se estão realizando com surpreendente verdade. Foi ele que sempre me guiou, que sempre se interessou pelos meus filmes. Era o crítico que mais eu temia e aquele que mais acatava. Submeti tudo ao seu julgamento. Assunto. Maquagem. Fotogenia de ambientes. Tudo, em suma. Realizava o filme apenas depois de longas e longas conversas com ele. Porque dele, sinceramente, colhia noções que hoje formam o meu cabedal cinematográfico.

* Trechos de uma entrevista (O Cinema Brasileiro e as suas Possibilidades) dada ao Correio da Manhã, Rio, em 29 de junho de 1930, por Humberto Mauro.

JURANDYR NORONHA

Adhemar Gonzaga é da raça dos homens que se antecederam ao tempo. Não veio dos primórdios do nosso cinema, mas é, sem dúvida, a sua mais autêntica figura de pioneiro. Quando não havia uma única lei protetora, ele levantou, em 1929, o primeiro estúdio construído especialmente para cinema no Brasil. Quem conheceu a Cinédia, em São Januário, pode lembrar-se dos três palcos de filmagem; da fileira de camarins; do Lido, o restaurante; do almoxarifado, onde praticamente era encontrado qualquer móvel, roupa ou objeto; das câmeras Super-Parvo e Mitchell, dos refletores Molly-Richardson; da sala de corte com as primeiras moviolas surgidas por aqui, e do laboratório, tudo moderníssimo. Sim, porque a Cinédia fazia seus filmes inteiramente dentro do seu território, inclusive reve-

lando-os em máquinas Multiplex e copiando-os em Bell & Howells e Matipós.

Com a revista "Cinearte", Gonzaga criava uma consciência cinematográfica, ensinando a importância dos produtores, diretores, de todo o pessoal de uma equipe. Antes de "Cinearte", simplesmente eram assuntos nunca tratados entre nós.

Do trabalho desse homem, surgiu grande parte da atual infra-estrutura da indústria do filme em nosso País. Basta ser dito que, da Cinédia, de seus estúdios, laboratórios e salas de montagem, saíram cerca de 70 filmes de longa-metragem, número do qual, somente agora, começam a aproximar-se as empresas que não sofreram solução de continuidade. O que impressiona em Adhemar Gonzaga, muitas vezes incompreendido, é que ele gastou a sua fortuna pessoal na produção de filmes, quando as condições eram adversas, as quais começaram a mudar justamente terminada a sua fase pioneira.

Mal se começa a ter uma perspectiva do que ele fez. O Brasil, no entanto, começa a vê-lo como Delmiro Gouvêa teimosamente construindo a primeira hidroelétrica do São Francisco, ou como Henrique Lage insistindo em implantar uma indústria de construção naval. Eles também se antecederam ao tempo.

GILBERTO SOUTO

Da minha janela, vejo, no parque, uma árvore imensa que dá muita sombra, tem tronco forte e grande ramada. Quando floresce, é uma beleza!

Ao parque vai muita gente: as crianças fazem da árvore o seu pique, brincando à sua volta; à sua sombra, velhos lêem ou meditam; as babás sentam-se e vigiam os garotos, arriscando um flerte com o guarda; e, à noite, os namorados gostam da escuridão que seus ramos fazem, tapando a luz da Lua. Tenho certeza de uma coisa: ninguém mesmo já chegou a perguntar: quem plantou a árvore? Quem dela cuidou, poupando-a do vento forte ou dos que poderiam destruí-la por maldade? Quem lhe deu água e trato? Carinho e amor?

É quase sempre assim. Aceitamos as coisas como se tivessem nascido da nuvem que passa, do vento que sopra ou da chuva que cai. Nem sempre nos lembramos de que alguém foi responsável — no todo ou em parte — pelo que existe e funciona. Nem todos se dão ao tra-

balho de indagar: quem, como, por quê, quando?

Assim tem sido com o Cinema Brasileiro. Está ele aí sendo falado e malhado, elogiado ou atacado, mas comentado, afinal. Já viaja e ganha prêmios lá fora e, aqui, também é reconhecido e recebe homenagens. Dá trabalho a milhares de pessoas; criou novas profissões; os cinemas exibem seus filmes que já têm datas garantidas por lei. Muitos já ganharam com ele bastante, e outros perderam dinheiro. Mas o fato é que hoje os que fazem Cinema nem sempre pensam no que veio antes deles; em outros tempos quando tudo era difícil, e a vida de cineasta dura de doer. Doía no bolso e na pele, na alma. Cinema era heroísmo. Ou loucura.

Era de matar de rir: "idiotas, jamais vencerão!", mas não foi assim, afinal. Há mais de trinta ou quarenta anos, os que pensavam em Cinema Brasileiro nele enterraram sonhos, dinheiro, horas de prazer ou de desespero. Não havia leis de proteção. Nem C.A.I.C. Nem Instituto Nacional do Cinema. Nem ajuda estadual em São Paulo, nem banqueiros camaradas. Nada! Apenas coragem e amor. Foram eles os que plantaram. Hoje, os novos gozam de seus benefícios.

Foram esses abnegados que abriram o caminho para que a geração de hoje pudesse trabalhar, ao menos, mais calma, com menos sobresaltos e sem maiores dificuldades. Não que tudo seja mar-de-rosas, mas não mais o inferno que foi naqueles tempos.

Foram muitos os que plantaram a árvore, que dela cuidaram e que, por modéstia, não gravaram as iniciais em seu tronco.

Conheci muitos desses pioneiros, a partir de 1923. A todos rendo minha homenagem, mas quero destacar um que é meu amigo desde aqueles dias. Ele deu tudo ao cinema e nele ainda continua com o mesmo entusiasmo de seus primeiros dias. Tão mômico de espírito como os que nasceram há apenas duas décadas. Conheço-o muito bem. Sua gargalhada é a mesma de ontem. Seu anedotário tão divertido como o de antigamente. Sua fé e entusiasmo, os mesmos. A Cinédia foi o seu estúdio. E ainda o é. Foi ela uma das bases mais sólidas do Cinema de hoje, que talvez não existisse, já agora vigoroso, sem a sua experiência. A Cinédia foi o laboratório. A colméia. Um campo de treinamento para um número sem fim de técnicos. Moços, tirem o chapéu para Adhemar Gonzaga.

GONZAGA: FILMOGRAFIA



"Barro Humano" (1928): Eva Schnoor e Carlos Modesto — primeiro filme dirigido por Gonzaga.

1920 — *Convém Martelar* * Direção de Antonio Silva e Manuel F. de Araújo * Fotografia de João Stamato * Elenco: Josephina Barco, Antonio Silva, Carlos Barbosa, Manuel F. de Araújo, Albino Vidal, *Adhemar Gonzaga* * Produção da Amazônia Film, Rio de Janeiro * Observação: comédia em duas partes, propaganda de um produto farmacêutico.

1928 — *Barro Humano* * Direção de *Adhemar Gonzaga* * Produção de Paulo Benedetti * Roteiro de Paulo Vanderley * Direção de produção de Pedro Lima, Alvaro Rocha * Fotografia de Paulo Benedetti * Elenco: Carlos Modesto, Eva Schnoor, Eva Nil, Gracia Morena, Lia Renée, Lelita Rosa, Gina Cavallieri, Paulo Morano, Raul Schnoor, Carmen Violeta, Humberto Mauro, Luiza del Vale, *Adhe-*

mar Gonzaga, Paulo Benedetti, Estela Mar, Pedro Lima, Milton Dória, Martha Torá, Oly Mar * Benedetti Film, Rio de Janeiro, Distribuição da Paramount.

1929 — *Saudade* * Direção de *Adhemar Gonzaga* * Diretor de produção: Pedro Lima * Roteiro de Paulo Vanderley * Produção da Benedetti Film, Rio de Janeiro * Obs.: produção inacabada.

1929 — *Lábios sem Beijos* * Direção e roteiro de *Adhemar Gonzaga* * Produção de Carmen Santos, Rio de Janeiro * Obs.: produção inacabada.

1929 — *Fome* * Produção, direção, argumento e roteiro de Olympio Guilherme * Elenco: Olympio Guilherme, Marcella Battelini, Vicente Padula, Charles West, *Adhemar Gonzaga*, Norma Gay-

tan * Obs.: filme brasileiro, rodado em Hollywood, E. U. A. * Distribuição Alfa Programa.

1929 — *Sangue Mineiro* * Direção, argumento e roteiro de Humberto Mauro * Fotografia de Edgar Brasil * Elenco: Carmen Santos, Maury Bueno, Luiz Sorôa, Máximo Serrano, Pedro Fantol, Augusta Leal, Eli Sone, Rozendo Franco, *Adhemar Gonzaga* * Produção da Phebo Film, Cataguazes, Minas Gerais, distribuição da Urânia.

1930 — *Lábios sem Beijos* * Direção de Humberto Mauro * Produção, argumento e roteiro de *Adhemar Gonzaga* * Elenco: Paulo Morano, Lelita Rosa, Tamar Moema, Gina Cavalliere, Didi Viana, Celso Montenegro, Augusta Guimarães, Marisa Torá, Alfredo Rosário, Máximo Ser-

rano, Carmen Violeta, Lêda Léa, Décio Murilo * Cinédia, Rio de Janeiro, distribuição da Paramount.

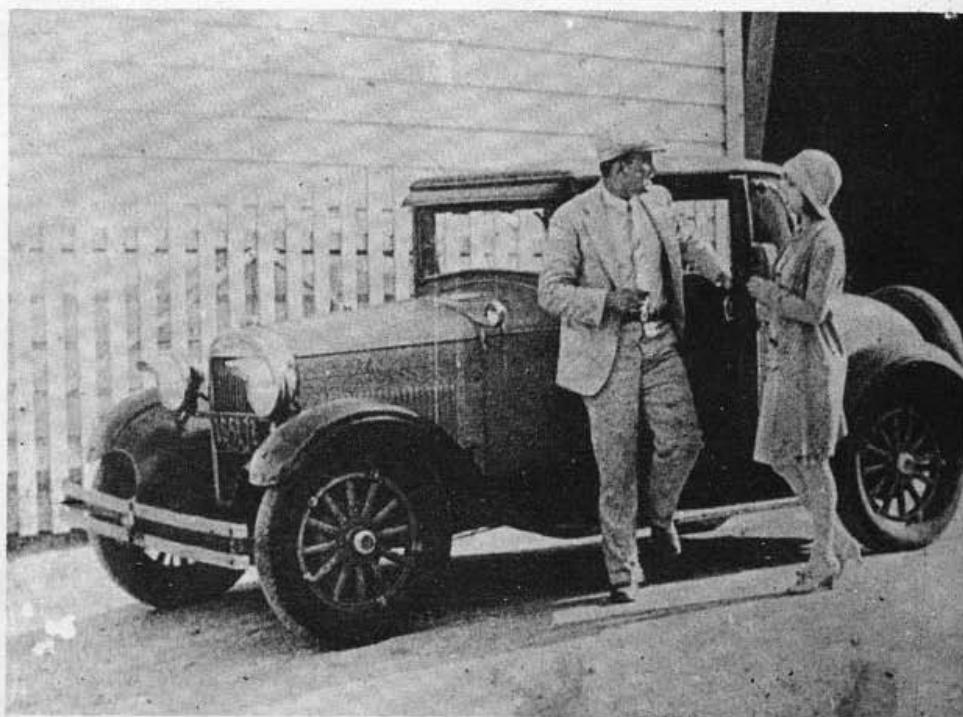
- 1931 — *Mulher* * Direção de Octávio Gabus Mendes * Produção e argumento de Adhemar Gonzaga * Roteiro de Adhemar Gonzaga e Octávio Gabus Mendes * Elenco: Carmen Violeta, Celso Montenegro, Ruth Gentil, Alda Rios, Luiz Sorôa, Gina Cavallieri, Carlos Eugênio, Milton Marinho, Ernani Augusto, Humberto Mauro * Cinédia, Rio de Janeiro, distribuição da Paramount.

- 1933 — *Ganga Bruta* * Direção e roteiro de Humberto Mauro * Produção de Adhemar Gonzaga * Argumento de Octávio Gabus Mendes * Fotografia de A. Pereira Castro e Paulo Morano * Música de Radamés Gnattali * Elenco: Durval Bellini, Déa Selva, Lu Marival, Décio Murillo, Andréa Duarte, Alfredo Nunes, Ivan Villar, Carlos Eugênio, Francisco Bevilacqua, João Baldi, Humberto Mauro, Adhemar Gonzaga, Elsa Moreno * Cinédia, Rio de Janeiro.

- 1933 — *A Voz do Carnaval* * Direção de Adhemar Gonzaga e Humberto Mauro * Produção de Adhemar Gonzaga * Argumento de Joracy Camargo * Elenco: Palitos, Carmen Miranda, Lamartine Babo * Cinédia, Rio de Janeiro * Obs.: comédia com cenas reais de Carnaval e cenas posadas em estúdio.

- 1933 — *Como se Faz um Jornal Moderno* * Produção e direção de Adhemar Gonzaga * Cinédia: Rio de Janeiro * Obs.: primeiro filme brasileiro sonorizado pelo processo Movietone — curta-metragem.

- 1934 — *Honra e Ciúmes* * Produção, direção, argumento e roteiro de Antonio Tibiriçá * Elenco: Antonio Sorrentino, Amanda Leilop, Carmo Nacarato, Anita Sorrentino, Antonio Tibiriçá, Adhemar Gonzaga, Pery Ribas * Iris Film, São Paulo.



"Fome", de Olympio Guilherme (1929): Adhemar Gonzaga, ator, ao lado de Marcela Battellini.



"Lábios sem Beijos", de Humberto Mauro (1930): Paulo Moreno e Lelita Rosa — produção, argumento e roteiro de Gonzaga.



"Mulher", de Octávio Gabus Mendes (1931): Celso Montenegro e Carmen Violeta — produção e argumento de Gonzaga.

- 1935 — *Alô, Alô, Brasil!* * Direção de Wallace Downey, João de Barro, Alberto Ribeiro * Produção de Adhemar Gonzaga e Wallace Downey * Argumento de João de Barro e Alberto Ribeiro * Fotografia de Antonio Medeiros, Luiz de Barros, Afrodísio de Castro, Edgar Brasil, Ramon Garcia, Fausto Muniz * Elenco: Carmen e Aurora Miranda, Francisco Alves, Mário Reis, Mesquitinha, Cesar Ladeira, Almirante, Barbosa Junior, Bando da Lua, Jorge Murad, Manuelino Teixeira, Elisa Coelho, Dircinha Batista, Cordélia Ferreira, Ary Barroso, Manuel Monteiro, Os 4 Diabos, Orq. Simon Boutman, etc. Cinédia, Rio de Janeiro.
- 1935 — *Estudantes* * Direção de Wallace Downey * Produção de Wallace Downey e Adhemar Gonzaga * Argumento de João de Barro e Alberto Ribeiro * Fotografia de Antonio Medeiros * Elenco: Carmen Miranda, Mesquitinha, Barbosa Junior, Aurora Miranda, Mário Reis, Jorge Murad, Bando da Lua, Cesar Ladeira, e outros * Cinédia, Rio de Janeiro.
- 1936 — *Alô, Alô, Carnaval!* * Direção de Adhemar Gonzaga * Produção de Wallace Downey e Adhemar Gonzaga * Argumento de João de Barro e Alberto Ribeiro * Fotogra-
- grafia de Antonio Medeiros, Edgar Brasil * Elenco: Carmen e Aurora Miranda, Francisco Alves, Mário Reis, Lamartine Babo, Barbosa Junior, Almirante, Bando da Lua, Jorge Murad, Dircinha Batista, Jayme Costa, Oscarito, Elvira Pagã, Heloisa Helena, Irmãs Pagãs, Pinto Filho, Alzirinha Camargo, Joel & Gaúcho, Luiz Barbosa, Hervê Cordovil, Muraro, Pery Ribas, Os 4 Diabos, Benedito Lacerda e seu Conjunto Regional, Simon Boutman e sua Orquestra, Lelita Rosa * Cinédia, Rio de Janeiro.
- 1936 — *Bonequinha de Seda* * Direção, argumento e roteiro de Oduvaldo Vianna * Produção de Adhemar Gonzaga * Fotografia de Edgar Brasil * Música de Francisco Mignone * Elenco: Gilda de Abreu, Delorges Caminha, Conchita de Moraes, Apolo Corrêa, Déa Selva, Darcy Cazarré, Wilson Pôrto, Carlos Barbosa, Nilza Magrassi, Odete Amaral * Cinédia, Rio de Janeiro.
- 1936 — *Caçando Feras* * Produção de Adhemar Gonzaga * Direção de Líbero Luxardo * Fotografia de Alexandre Wulfes * Elenco: Barbosa Junior, Dalila de Almeida Apolo Corrêa, João de Deus, Judith de Almeida, Tina Gonçalves, Jaime Fer-
- reira, Fernando Stamato * Lux-Cinédia, Rio de Janeiro, distribuição da D.F.B.
- 1936 — *O Jovem Tataravô* * Direção de Luiz de Barros * Produção de Adhemar Gonzaga * Roteiro de Luiz de Barros, baseado na peça teatral de Gilberto Andrade * Fotografia de Edgar Brasil e Luiz de Barros * Elenco: Marcel Klass, Darcy Cazarré, Luiza Fonseca, Dulce Weything, Carlos Frias, Manuelino Teixeira, Juraci de Oliveira * Cinédia, Rio de Janeiro.
- 1937 — *A Mulher que Passa* * Direção e produção de Adhemar Gonzaga * Cinédia, Rio de Janeiro * Obs.: curta-metragem.
- 1937 — *O Samba da Vida* * Direção e roteiro de Luiz de Barros * Produção de Adhemar Gonzaga * Argumento de Eurico Silva, baseado em sua peça "Frederico Segundo" * Elenco: Jayme Costa, Heloisa Helena, Orlando Brito, Manoelino Teixeira, Pinto Filho, Maria Amaro, Belmira de Andrade * Cinédia, Rio de Janeiro.
- 1938 — *Tererê não Resolve* * Direção de Luiz de Barros * Produção de Adhemar Gonzaga * Argumento e roteiro de Bandeira Duarte * Fotografia de Afrodísio de Castro * Elenco: Mesquitinha, Maria Amaro, Lygia Sarmento,

Alvarenga & Ranchinho, Rodolfo Mayer, Oscar Soares, Arnaldo Coutinho, Carlos Barbosa * Cinédia, Rio de Janeiro.

1938 — *Maridinho de Luxo* * Direção e roteiro de Luiz de Barros * Produção de Adhemar Gonzaga * Argumento baseado na peça de José Wanderley, "Compra-se um Marido" * Fotografia de Afrodísio de Castro * Elenco: Mesquitinha, Maria Amaro, Oscar Soares, Maria Lino, Bandeira Duarte, Rodolfo Mayer, Anna de Alencar, Carlos Barbosa * Cinédia, Rio de Janeiro.

1938 — *Alma e Corpo de uma Raça* * Direção, argumento e roteiro de Milton Rodrigues * Produção de Adhemar Gonzaga * Fotografia de Afrodísio de Castro, Máximo Serrano e Luiz de Barros * Elenco: Roberto Lupo, Lígia Cordovil, Henry Ashcar, Neuza Cordovil, Marly Castilhos, Carlos Barbosa, Maria Muniz, Jorge Diniz * Cinédia, Rio de Janeiro * Obs.: realizado sob os auspícios do

Clube de Regatas do Flamengo.

1938 — *Está tudo Aí* * Direção e roteiro de Mesquitinha * Produção de Adhemar Gonzaga * Argumento de Marques Pôrto * Elenco: Mesquitinha, Alma Flora, Oscarito, Nilza Magrassi, Violeta Ferraz, Paulo Gracindo * Cinédia, Rio de Janeiro.

1939 — *Onde Estás, Felicidade?* * Direção e roteiro de Mesquitinha * Produção de Adhemar Gonzaga * Argumento baseado na peça teatral de Luis Iglesias * Elenco: Mesquitinha, Alma Flora, Rodolfo Mayer, Oskar Soares, Luiza Nazareth, Carlos Barbosa, Nilza Magrassi, Grande Otelo, Wanda Marchetti * Cinédia, Rio de Janeiro.

1940 — *Pureza* * Direção de Chianca de Garcia * Produção de Adhemar Gonzaga * Roteiro de Chianca de Garcia e Milton Rodrigues, baseado no romance "Pureza", de José Lins do Rêgo * Fotografia de Aquilino Mendes e Ruy Santos * Elenco: Procópio Ferreira, Conchita de Moraes,

Sônia Oiticica, Nilza Magrassi, Sady Cabral, Sara Nobre, Roberto Acácio, Sérgio Serrano * Cinédia, Rio de Janeiro.

1941 — *Vinte e Quatro Horas de Sono* * Direção e roteiro de Chianca de Garcia * Produção de Adhemar Gonzaga * Argumento de Joracy Camargo * Elenco: Dulcina de Moraes, Odilon Azevedo, Conchita de Moraes, Aristoteles Pena, Laura Suarez, Oscarito, Átila de Moraes, Sara Nobre, Sady Cabral, Pedro Dias, Silvino Neto * Cinédia, Rio de Janeiro.

1941 — *O Dia é Nosso* * Direção, argumento e roteiro de Milton Rodrigues * Produção de Adhemar Gonzaga * Fotografia de George Jiri Dusek * Elenco: Genésio Arruda, Nelma Costa, Oscarito, Paulo Gracindo, Roberto Acácio, Manoel Rocha, Sady Cabral, Janir Martin, J. Silveira, Brandão Filho, Pedro Dias, Ferreira Maia, Jorge Diniz * Cinédia, Rio de Janeiro.

1941 — *A Sedução do Garimpo* * Direção, argumento e rotei-



Estreia de "Alô, Alô, Carnaval!", no cinema Íris, em 1936.



"O Ebrio", de Gilda de Abreu (1946): sentado, Vicente Celestino — produção de Gonzaga.

ro de Luiz de Barros * Produção de Adhemar Gonzaga * Elenco: Rodolfo Mayer, Marie Abbate, Grande Otelo, Diane Dreene, Roberto Lupo, Frank Mazzone, Nan Bower, Joya Matter * Cinédia, Rio de Janeiro.

1943 — *Caminho do Céu* * Direção de Milton Rodrigues * Produção de Adhemar Gonzaga * Argumento de Milton Rodrigues * Elenco: Rosina Pagã, Celso Guimarães, Grande Otelo, Sara Nobre, Luis Tito, Eros Volúcia, Nilza Magrassi, Sandro Roberto, Gríjô Sobrinho, Mário Salaberry * Cinédia, Rio de Janeiro.

1943 — *Samba em Berlim* * Direção de Luiz de Barros * Produção de Adhemar Gonzaga * Argumento e roteiro de Adhemar Gonzaga e Luiz de Barros * Elenco: Mesquitinha, Dercy Gonçalves, Francisco Alves, Grande Otelo, Laura Suarez, Brandão Filho, Léo Albano * Cinédia, Rio de Janeiro.

1944 — *Berlim na Batucada* * Direção de Luiz de Barros * Produção de Adhemar Gonzaga * Assistente de direção: Jurandyr Noronha * Roteiro de Adhemar Gonzaga, Herivelto Martins e Luiz de Barros *

Fotografia de Afrodísio de Castro * Elenco: Procópio Ferreira, Solange França, Fada Santoro, Delorges Caminha, Luízinha de Carvalho, Jararaca & Ratinho, Alvarenga & Ranchinho e outros * Cinédia, Rio de Janeiro * Obs.: este filme foi lançado em 1952.

1944 — *Corações sem Piloto* * Direção, argumento e roteiro de Luiz de Barros * Produção de Adhemar Gonzaga * Elenco: Susie O'Hara, Luis Tito, Afonso Stuart, Antonieta Matos, Juvenal Fontes, Aimée, Cesar de Alencar, Nelma Costa, Carlos Barbosa, Marion, Pola Leste, Chocolate * Cinédia, Rio de Janeiro.

1944 — *Romance Proibido* * Produção, direção, argumento e roteiro de Adhemar Gonzaga * Fotografia de George Fanto e Afrodísio de Castro * Elenco: Lúcia Lamur, Milton Marinho, Nilza Magrassi, Eros Volúcia, Manoel Rocha, Grande Otelo, Dercy Gonçalves, Jesus Ruas, Modesto de Souza, Vina de Souza, e outros * Cinédia, Rio de Janeiro.

1945 — *Pif-Paf* * Direção de Adhemar Gonzaga e Luiz de Barros * Produção, argumento e

roteiro de Adhemar Gonzaga * Elenco: Marlene, Léo Albano, Walter D'Ávila, Chocolate, Jararaca & Ratinho, Trio de Ouro * Cinédia, Rio de Janeiro.

1945 — *O Cortiço* * Direção e roteiro de Luiz de Barros * Produção de Adhemar Gonzaga e Afonso Campiglia * Argumento baseado no romance "O Cortiço", de Aluizio de Azevedo * Fotografia de Afrodísio Castro * Elenco: Miguel Orico, Alice Archambeau, Manoel Vieira, Manoel Rocha, Horacina Corrêa, Arthur Leitão, Maria Costa, Hortênsia Santos, Colé Santana * Cinédia, Rio de Janeiro.

1945 — *Loucos por Música* * Produção, direção e roteiro de Adhemar Gonzaga * Argumento de Vinicius da Veiga * Elenco: Lena Monteiro de Barros, Hortênsia Santos, Walter D'Ávila, Miguel Orico, Jararaca & Ratinho * Cinédia, Rio de Janeiro.

1946 — *Caídos do Céu* * Direção e roteiro de Luiz de Barros * Produção de Adhemar Gonzaga * Argumento de Osvaldo Moles e Herivelto Martins * Elenco: Linda Batista, Dercy Gonçalves, Ataulfo

Alves, Walter D'Ávila, Nelma Costa, Mary Lincoln, Cesar Fronzi, Violeta Ferraz, Chocolate * Cinédia, Rio de Janeiro.

1946 — *O Ébrio* * Direção e roteiro de Gilda de Abreu * Produção de Adhemar Gonzaga * Argumento e canções de Vicente Celestino * Fotografia de Afrodísio de Castro * Elenco: Vicente Celestino, Alice Archambeau, Manoel Vieira, Victor Drummond, Rodolfo Arena, Antonio Marzulo, Walter D'Ávila, Manoel Rocha, Júlia Dias, Isabel de Barros, Jacy de Oliveira, Marilu Dantas, Cecy Medina * Cinédia, Rio de Janeiro.

1948 — *Obrigado, Doutor!* * Direção e roteiro de Moacyr Fenelon * Produção de Adhemar Gonzaga * Argumento baseado numa história radiofônica, de Paulo Roberto * Fotografia de Afrodísio de Castro * Elenco: Rodolfo Mayer, Lourdinha Bittencourt, Rodney Gomes, Hebe Guimarães, Modesto de Souza, Carlos Medina, Auricélia Bernard, Faria Rocha, Castro Viana, Zizinha Macedo * Cine Produções Fenelon, Rio de Janeiro.

1948 — *Mãe* * Direção e roteiro de Teófilo de Barros Filho * Produção de Adhemar Gonzaga e Afonso Campiglia

* Argumento de Giuseppe Ghiaroni * Elenco: Alma Flora, Bené Nunes, Manuel Vieira, Rosa Radi, Delorges Caminha, Cesar Ladeira, Vera Nunes, Jesus Ruas, Yvone Martins, Lídia Bastiani * Proarte, Rio de Janeiro.

1949 — *Pinguinho de Gente* * Direção, argumento e roteiro de Gilda de Abreu * Produção de Adhemar Gonzaga * Fotografia de A.P. Castro * Música de Ercole Varetto * Elenco: Anselmo Duarte, Vera Nunes, Lúcia Delor, Isabel de Barros, Violeta Ferraz, Antonia Marzullo, Palmira Silva, Jacy de Oliveira, Mario Salaberry * Cinédia, Rio de Janeiro.

1950 — *Um Beijo Roubado* (ou *Noites de Copacabana*) * Direção e roteiro de Léo Marten * Produção e argumento de Adhemar Gonzaga * Fotografia de Afrodísio de Castro * Elenco: Cyll Farney, Vera Nunes, Walter D'Ávila, Marlene, Hortênsia Santos * Cinédia, Rio de Janeiro.

1951 — *Agüenta Firme, Isidoro!* * Direção de Luiz de Barros e Adhemar Gonzaga * Produção de Adhemar Gonzaga e Luiz Marques de Araújo * Argumento e roteiro de Luiz de Barros * Fotografia de Maurice Pecqueux * Elenco:

Totó, Nelma Costa, Violeta Ferraz, Madame Lou, Zaquia Jorge, Zé Trindade, Augusto Aníbal * Cinédia, Rio de Janeiro.

1951 — *Anjo do Lôdo* * Direção e roteiro de Luiz de Barros * Produção de Adhemar Gonzaga * Argumento baseado no romance de José de Alencar, "Luciola" * Fotografia de Maurice Pecqueux * Elenco: Virgínia Lane, Cláudio Nonelli, Manoel Vieira, Mercedes Netto, Carlos Cotrim, Del Carmen, Alexandre Amorim, Zé Trindade, Augusto Aníbal * Cinédia, Rio de Janeiro.

1955 — *Carnaval em Lá Maior* * Direção de Adhemar Gonzaga * Produção de Alfredo Palácios * Roteiro de Adhemar Gonzaga e Osvaldo Moles * Fotografia de Ferenc Fekete * Elenco: Walter D'Ávila, Sandra Amaral, Randal Juliano, Renata Fronzi, Genésio Arruda, Arrelia, Carmélia Alves, Durval de Souza, Adonirá Barbosa * Maristela, São Paulo.

1965 — *Encontro com a Morte* * Direção de Arthur Duarte * Diretor de produção: Adhemar Gonzaga * Elenco: Irma Alvarez, Rosita Tomaz Lopes, Orlando Villar, Márcia Rocha, Fernando Pereira, Rodolfo Arena * Carioca Filmes Ltda., Rio de Janeiro.

"Um Beijo Roubado", de Léo Marten (1950): Cyll Farney e Vera Nunes — produção e argumento de Gonzaga.

